

A DANÇA ENQUANTO ARMA SOCIAL MEDIANTE O ATIVISMO ESTÉTICO COREOGRÁFICO DE PEARL PRIMUS

Maria Consuelo Oliveira Santos[1]

Resumo: Este trabalho apresenta os primeiros dados da pesquisa a respeito da importância da obra de Pearl Primus, uma bailarina-coreógrafa vanguardista que difundiu o uso de temas do campo áfrico na dança moderna. Os objetivos referem-se à obtenção e apresentação de informações biográficas, análise de obras mais representativas, assim como verificar a ressonância de suas produções no espaço da dança e, inclusive, na contemporaneidade. A metodologia é de âmbito qualitativo e sustentada por fontes bibliográficas e documentais. Temáticas como corporalidade e dança, ativismo-estético, dança como arma social são algumas categorias identificadas em suas coreografias afro-estéticas.

Palavras-chave: Afro-estética. Dança. Corporalidade.

DANCE AS A SOCIAL WEAPON THROUGH THE CHOREOGRAPHIC AESTHETIC ACTIVISM OF PEARL PRIMUS

Abstract: This paper presents the first data of the research regarding the importance of the work of Pearl Primus, an avant-garde dancer-choreographer who spread the use of African themes in modern dance. The objectives refer to obtaining and presenting biographical information, analysis of more representative works, as well as to verify the resonance of her productions in the dance space and, even, in contemporary times. The methodology is qualitative in scope and supported by bibliographic and documentary sources. Topics such as corporality and dance, aesthetic activism, dance as a social weapon are some categories identified in her Afro-aesthetic choreographies.

Keywords: Afro-aesthetic. Dance. Corporality.

Introduzindo: o encontro

Um inesperado encontro deu início a esta pesquisa. Estava navegando através do espaço virtual e fui surpreendida com uma imagem de um imenso salto da bailarina-coreógrafa Pearl Primus, em uma de suas performances. Isto ocorreu

[1] Doutorado em Antropología Social e Cultural realizado na Universitat Autònoma de Barcelona (UAB) e defesa da tese pela Universitat Rovira i Virgili (URV), Espanha. Pós-doutorado pela Facultad de Ciencias de la Comunicación da Universidad Autónoma de Nuevo León (UANL), Monterrey, México. Licenciada em Letras e em Filosofia, mestrado em Educación (UFBA e em Antropologia (UAB). Pesquisadora do Grupo LINC/CNPq - Linguagem da Cena, Imagem, Cultura, Representação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Kàwé/CNPq - Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: consol.oliveira@gmail.com.

em um momento em que não procurava pela citada coreógrafa, pois não a conhecia. Deve ter sido pelo tipo de palavras que estava utilizando, no rastreador de páginas Web, o que me proporcionou realizar este contato virtual.



Figura 1. Pearl Primus performatizando um dos seus notáveis saltos.
Fonte: Baron-Hulton, Archive/Getty Images - Britannica: Disponível em: https://tinyurl.com/6afbnews - Acesso em: 23. mar. 2021.

Segui procurando por mais dados e encontrei diversas imagens de suas atuações, a exemplo do salto da figura 1. Constatei que o seu legado na dança tinha sido muito importante e, inclusive, foi uma das pioneiras a utilizar temáticas afrorreferenciadas[2] na dança moderna nos Estados Unidos, a partir da década de

[2] Por se tratar de um artigo que enfoca aspectos de conhecimentos que se originaram a partir da interrelação cultural entre países africanos e outras nações, serão utilizados termos que explicitam esta vinculação tais como afrodescendente, afrorreferenciado, afro-estética, afro-originário, afro-

1940. Seus espetáculos coreográficos foram gestados em circunstâncias de intensos preconceitos e separações presentes nas relações entre brancos e negros no citado país.

Primus elaborou coreografias com fortes denúncias sociais contra discriminações, pobreza, racismo, linchamentos físicos. Ao defrontar-nos com os seus trabalhos fica evidente o cuidado em apresentar os temas e o entrelaçamento entre epistemes, considerando que Primus utilizava a poesia, a música e saberes afrorreferenciados em composições performáticas sem exotismos. Em vista disto, realizou estudos apurados em busca da compreensão, revitalização e vivências de liames africanos advindos da integração, inter-relação entre culturas e cujo diálogo possibilita o enriquecimento mútuo. Oliveira e Laurentino (2020), quando apresentam a necessidade da reflexão epistemológica também manifestam a necessidade de transpor referencialidades hegemônicas e isto Primus fez com maestria em suas criações. Rompeu padrões estabelecidos e apresentou outras possibilidades performáticas e interpretativas.

Trazer Primus aos estudos atuais é pertinente, tanto porque a sua obra ainda continua sendo aclamada como um exemplo de respeito ao conhecimento de ascendência africana e por sua qualidade artística inovadora. Vale ressaltar que a sua obra coreográfica foi pouco divulgada em nosso país e tal legado merece a nossa atenção. Desenvolveu trabalhos com ênfase em questões sobre corporalidade, a dança como uma ferramenta de luta social, a interconexão entre conhecimentos, temáticas estas que ainda hoje estão na ordem do dia. Sendo também uma antropóloga, suas pesquisas representaram uma grande contribuição na esfera da antropologia da dança, cujas criações coreográficas são resultantes de investigações em profundidade, realizadas em campo.

A atenção às origens e preservação de aspectos de danças ancestrais adensaram a sua criação coreográfica. Afrontando estereótipos e prejulgamentos defendeu a dança como um meio de denunciar injustiças e, igualmente, uma possibilidade de unir as pessoas contra as discriminações. O seu pioneirismo

---

caribenho, afronorteamericano. Demonstrando, assim, a força de saberes que se constituíram desta imbricação cultural, o que possibilitou as denominações citadas.

influenciou enormemente a dança moderna e ainda hoje continua sendo uma significativa referência. Daniel (2017) reconhece que ao longo das décadas entre 1930 e 1950, Katherine Dunham e Pearl Primus eram as máximas expoentes na dança afro-originária não somente nos Estados Unidos, mas em todo o mundo.

Os que conviveram com Primus são unânimes em afirmar que ela conseguiu instigar, em seus alunos, um senso de orgulho e respeito quanto aos saberes africanos e correlatos. Não é demais afirmar que a sua vida foi uma luta constante na divulgação desses conhecimentos ao demonstrar serem tão válidos como qualquer outro saber. De modo igual, nunca deixou de lutar contra o racismo na dança, nas produções teatrais e no âmbito de toda a sociedade.

Metodología

A metodologia é qualitativa, interpretativa, vinculando e interconectando as modalidades documental e a bibliográfica. Os objetivos da presente proposta referem-se à obtenção e apresentação de dados biográficos da citada artista, elencar e realizar análise de suas obras mais emblemáticas, verificar a repercussão das mesmas no universo da dança e ademais analisar reinterpretações de suas obras na contemporaneidade. Para tanto, os dados necessários serão obtidos em reportagens de jornais, em vídeos, homenagens, depoimentos, fotografias, artigos, livros, resenhas, depoimentos. A partir desta delimitação é oportuno o que sinaliza Gómez (2011, p. 230-31) sobre a investigação documental:

> A construção do conhecimento a partir das fontes é uma forma de velar pela tradição do pensamento original e, desde essa perspectiva, trazê-lo ao presente com uma leitura hermenêutica que favoreça a discussão ao realizarmos nossas aportações ao desenvolvimento científico com propostas que podem ser questionadas permanentemente, mas que sempre estarão orientadas ao alcance de novos desenvolvimentos.[3]

[3] Tradução própria, bem como os demais trechos ao longo deste trabalho.

Do mesmo modo pode-se aplicar esta consideração em relação aos estudos bibliográficos que, neste nosso caso, será um dos suportes da pesquisa. Tampouco podemos passar ao largo da exploração online quando se trata de estudos documentais e bibliográficos, considerando as múltiplas possibilidades que o meio digital possibilita. Vale ressaltar que essa pesquisa faz parte de uma proposta mais ampla com a finalidade de realizar estudos sobre outros bailarinos e coreógrafos nas três Américas, que desenvolveram ou desenvolvem trabalhos afro-originários.

É uma investigação que se encontra inscrita no Grupo de Pesquisa *LINC*/CNPq - Linguagem da Cena, Imagem, Cultura, Representação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ao mesmo tempo, faz parte de atividades do *KÀWÉ*/CNPq - Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no qual também participo como pesquisadora.

Aspectos biográficos

Em Porto Espanha, capital da República de Trindade e Tobago, nasceu Pearl Eileen Primus em 29 de novembro de 1919 e faleceu em Nova Iorque em 29 de outubro de 1994, aos 74 anos. Foi versátil e plurivalente. Bailarina, coreógrafa, ativista e educadora. Obteve um título de mestrado em educação e um doutorado em antropologia. Os pais, Edward e Emily Primus, se mudaram para os Estados Unidos em 1921 quando Primus tinha dois anos de idade. Um dado curioso é que a mesma concluiu um bacharelato em biologia e estudos em pré-ciências médicas pois sua intenção era tornar-se médica.

Ao não conseguir encontrar trabalho em sua área de estudo, procurou ajuda da instituição “National Youth Administration” que a recomendou ao “America Dances”, em 1941, para trabalhar na divisão responsável pelas vestimentas e, logo depois, foi contratada como bailarina assistente. Também em 1941 Primus se apresentou em uma audiência e recebeu uma bolsa de estudos para o “New Dance Group”. Lloyd (1974, p. 269) afirma que “qualidades como espontaneidade, velocidade e poder foram imediatamente reconhecidas”. Primus foi a primeira aluna

negra do referido grupo cujo lema era "a dança é uma arma". E foi neste ambiente marcadamente de luta social, em uma sociedade profundamente discriminatória, que Primus obteve a sua formação em dança.



Figura 2. Pearl Primus performatizando em “Rock Daniel” (1944). Fonte: fotografia de Barbara Morgan. *In:* Wikipedia. Disponível em: https://tinyurl.com/3bn644a - Acesso em: 1.jul.2021.

Dois anos mais tarde, em 1943, realizou o seu primeiro trabalho solo inaugurando a sua carreira profissional com a peça coreográfica “African Ceremonial”. Expandiu sua formação em dança com grandes nomes da dança a exemplo de Asadata Dafora, Marta Graham, Louis Horst, Charles Weidman, Doris Humphrey. Com determinação e um trabalho árduo no mundo da dança criou a sua própria companhia, a “Primus Company”, que atuou em vários lugares do mundo, a exemplo de Israel, Grã Bretanha e França. Em consequência da grande aceitação e

reconhecimento da qualidade de seu trabalho, atuou em lugares famosos a exemplo do “Madison Square Garden” e do “Carnegie Hall”.

Inicialmente, Primus explorou a cultura e a dança africana consultando a família (o seu avô era originário do povo africano “Ashanti”), livros, artigos, fotos, museus e, inclusive, a sua mãe tinha sido bailarina. Após seis meses de pesquisa exaustiva completou a composição intitulada “African Ceremonial”. Esta peça serviu-lhe de introdução ao seu crescente interesse pela herança afro-originária. Em 1944 Primus viveu em comunidades de afronorteamericanos, especificamente em Carolina do Sul, Alabama e Georgia. Utilizando o método da observação participante, atuou como uma das trabalhadoras rurais colhendo algodão com as próprias mãos. Também participou de atividades nas igrejas onde o canto, a dança e a espiritualidade se mesclavam. Ao ter acesso a dados significativos da vida e expressões de afronorteamericanos moradores dos citados estados, conseguiu plasmar significativas peças coreográficas. Primus continuou utilizando este tipo de coleta de dados, bastante utilizado em pesquisas antropológicas, durante toda a vida.

O estudo imersivo relacionado a conhecimentos africanos tornou-se possível a partir de uma bolsa de estudos da “Rosenwald Foundation”. A partir de 1948 viajou ao continente africano chegando a visitar nove países. Em Libéria, Gana, Nigéria, Cameron, Angola, Senegal e Zaire teve contato com danças rituais de diversas tribos e documentou cerimônias ritualísticas. A vinculação com África se manterá durante décadas chegando a dirigir um centro de criação em Monrovia, a capital da Libéria. Ao retornar para a América, além de continuar coreografando dedicou-se bastante ao ensino.

Em 1953, ao regressar ao seu país Trinidad e Tobago, conheceu o músico-dançarino Percival Borde que se tornou o seu segundo esposo, também seu parceiro de dança e com quem teve um filho. Juntamente com Borde abriu a “Primus-Borde School of Primal Dance” onde desenvolveu o método intercultural de ensino.

Ao obter o título de doutorado pela “University of New York” em 1978, atuou como profesora de estudos étnicos em cinco universidades entre as quais a

"University of New York", "Hunter College" e "Howard University". Neste mesmo ano fundou Instituto de Linguagem da Dança Pearl Primus. Ademais, ensinou na "Alvin Ailey School" durante muitos anos. Recebeu vários prêmios como, por exemplo, a Medalha Nacional das Artes.

As suas coreografias "The Negro Speaks of Rivers", "Hard Times Blues" e "Strange Fruit", bastante conhecidas, explicitam injustiças sociais, discriminações ou o poder sobre o corpo do outro a ponto de exterminá-lo, a exemplo do que ocorre em um linchamento. São trabalhos que ainda continuam sendo executados e reinterpretados. Voltaremos aos mesmos, mais adiante. Em Dokosi (2020), Esteller (2019), Schwartz (2011), Dunning (1994), Gere (1994), Ellis [s/d] e Tyson [s/d] foram obtidos os dados biográficos acima descritos.

Ressignificando origens

Primus foi considerada uma embaixadora da dança moderna afrorreferenciada. Realizou estudos em sua terra, no Caribe, na África e no sul das Estados Unidos. O seu fazer antropológico em busca das origens nos permite vislumbrar a dimensão de seu imenso trabalho para recuperar e ressignificar as origens afrodescendentes. Há um trecho opinativo e sugestivo, da década de 1970, colocado na continuação, que expõe alguns aspectos sobre a pessoa de Primus e o tratamento que ela deu aos conhecimentos afrodescendentes, bem como o seu significado para a dança moderna. Destaca a sua dinâmica diante das temáticas da ancestralidade quando seu próprio corpo já suscitava a forte presença da sua herança africana, que ela pesquisou, vivenciou e expressou em suas criações coreográficas. Lloyd (1974, p.266), assim declara:

> A sua presença lembra a terra longínqua e a própria ancestralidade. A voz reflete a educação universitária de uma jovem estadunidense dos tempos atuais. Apresenta ritmos africanos, caribenhos e negros norte-americanos com excelente encenação, ainda que com menor teatralidade que Katherine Dunham, embora seja uma dançarina mais vibrante. Ela não glamouriza seu material, não exagera o movimento pélvico [...]. Ela não refina em excesso a sua arte como alguns artistas negros que, inibidos pelo estigma da inferioridade racial, costumam fazer. Com dignidade e orgulho (e talvez com

> alguma idealização) ela exibe os costumes ancestrais, as esperanças, as metas e lutas, a grandeza inerente ao seu povo.

Como se observa no citado trecho, a expressão linguística de Primus refletia uma educação estadunidense que se imbricou com raízes afro-caribenhas e africanas e, assim, durante a sua existência construiu uma identidade intercultural. Por uma decisão pessoal se propôs a retomar e vivenciar sua ancestralidade, um posicionamento que foi definidor para a sua trajetória de vida e de suas coreografias. Essa opção foi tão marcante que na África Primus recebeu alguns nomes, a exemplo de "Omowale", a criança que regressou ao lar. Conforme Schwartz (2011), era a denominação que ela mais apreciava porque evidenciava suas raízes e igualmente seus vínculos espirituais. Também lhe deram o nome de “Adaora”, a filha de todos. Além disso, também era chamada de “Mna”, pronunciado como “ma” da língua Efik, de Calabar, Nigeria, que significava “a mãe que não lhe deu a luz”. Schwartz (2011) também relembra como o nome é importante nas culturas, principalmente na África, o que significa uma honra para quem o recebe.

A imersão cultural de Primus proporcionou-lhe conhecimentos, parâmetros, referências que possibilitaram a ressignificação de suas origens e estabelecimento de vínculos. Elementos estes significativos, tanto para a sua história de vida como em relação às suas criações coreográficas. A noção de ancestralidade entendida na perspectiva de conhecimentos ressignificados através da memória e de ações corporais, como sugere Santos (2017, p.105):

> Para tanto, a abordagem do estudo é intertextual, criativa em relação às ações cotidianas do homem; dissocia-se da tradicional abordagem focada na cópia de formas do rito vivenciado no terreiro; volta-se para o corpo por meio de memórias ancestrais, com ações corporais carregadas de significados, trazendo-as para o presente e ressignificando-as por meio da arte do movimento criativo.

Uma concepção que se coaduna com os trabalhos de Primus no sentido que o passado inspira, mas necessita ser redinamizado. Sem esquecer a importância da memória corporal no processo sócio-histórico-cultural. Isso se verifica em relação às suas vivências em comunidades africanas ou afro-originárias, que foram definidoras

para a elaboração e qualidade de suas criações artísticas. Primus sentia, vivia e recriava, mas sem a perda da consciência de suas raízes como se comprova toda a força e clareza de sua ancestralidade quando afirma: "Quando danço, estou dançando como um ser humano, mas um ser humano que tem raízes africanas" (MCPHERSON, 2009, p.1).

Corporalidade e dança

É por demais conhecido que nas últimas décadas a temática corporalidade tem sido bastante enfocada em diferentes dimensões. Neste viés é sempre salutar voltar a atenção para autores pioneiros que apresentaram importantes considerações sobre tema, o que não deixa de ser um exercício que nos permite conhecer a gênese de significativas discussões e, por conseguinte, observar a sua continuidade e as reflexões posteriores que daí suscitaram. Um dos primeiros foi o filósofo Nietzsche, que no século XIX criticou um pensamento filosófico que exaltava mais o espírito em detrimento do corpo. Para o citado filósofo não existe nenhuma ideia ou realização que não se vincule ao corpo e isso pressupõe que o corpo não pode ser visto independente da realidade, pois é o corpo que dá sentido à realidade. Em “Así Hablaba Zaratustra” (2005, p.59) nos diz: “Quem está desperto e consciente exclama: Todo eu sou corpo [...] O corpo é o grande sistema de razão”. Também afirma: “Existe mais razão em teu corpo do que na melhor sabedoria” (p.60).

Merleau-Ponty (1999), um dos leitores de Nietzsche, também aponta que “o corpo é o nosso veículo no mundo”, ou seja, a reunificação da razão e da sensibilidade e o antropólogo Jackson (1983), continuando esta linha de pensamento aponta que o corpo se constitui, em si mesmo, como sujeito (body subject), portanto uma relação intersubjetiva em que sentimentos, percepções, vivências, denúncias são compartilhadas entre sujeitos. Por isso que Jackson se coloca contrário ao que se denomina que o corpo é um texto. O que ocorre é um processo interrelacional em que bailarino e o expectador, em interconexão, sentem, percebem, compreendem, reagem e, a partir daí, a comunicação é gerada na

confluência de corpos, na intersubjetividade e não porque o corpo seja um texto a ser lido.

Logo, um entendimento sobre o corpo que se aproxima das vivências de Primus ao ter afirmado a sua ancestralidade presentificada no corpo. Um corpo que dança como um lugar em que o intersubjetivo é construído na diversidade das intersecções em contextos sócio-histórico-culturais. A proposta de Primus também nos convida a observar a noção de *embodiment*, corporalidade – o processo ao qual estamos imersos como apresenta Csordas (1990, 2008). O corpo como sustentáculo da experiência humana potencial intencional, intersubjetiva, relacional, conflitiva, interativa. Desse modo, a estética-coreográfica de Primus é profundamente corporal e sua ancestralidade é vivida no corpo que experiencia e expressa as interrelações entre passado e presente em suas diversas possibilidades e imbricadas em um processo interativo, como afirmou o citado antropólogo.

Ativismo estética e dança enquanto arma social

No entendimento de Shapiro (2016) a concepção de estética é dimensionada "[...] como aquele domínio em que a os significados são revelados e as possibilidades de mudança social podem ser imaginadas e realizadas" (p.14), pois a autora considera uma estética que se relaciona com a liberdade humana e sua autodeterminação e, por conseguinte, com a transformação radical. Nesse sentido, a dança estaria relacionada com a justiça social e, portanto, o poder da dança para vislumbrar e criar mudanças. Shapiro também atenta que "a dança se torna um processo de ativismo estético no qual a corpo fornece uma história concreta" (p.16). Ante esta compreensão, a dança de Primus se insere na condição de arma social e cujo ativismo estético faz parte de uma agenda moral de justiça social e de direitos humanos, aspectos estes sinalizados por Shapiro.

A dança, na condição de arma social é a própria expressão do ser e estar de Pearl Primus, de um sentir e fazer expressos através da estética coreográfica. A arma do corpo que evidencia saberes, valores, que afronta o estabelecido forjado de incompreensões. Nessa perspectiva, fica evidente em suas elaborações

coreográficas que a episteme de gênese africana é tão significativa quanto qualquer outro saber. O que importa não é a gradação, pois os conhecimentos não devem ser considerados mediante critérios de valor em termos de melhor ou pior, mas sim dimensionados a partir das experiências dos sujeitos, dos povos, das comunidades. Primus é um exemplo de luta contra ideias colonialistas que consideram menor tudo que não seja oriundo do ponto de vista do dominador. Em suas criações está presente a tenacidade contra posicionamentos que empobrecem a relação com os saberes e que aprofundam preconcepções.



Figura 3. Performance de Primus em "The Negro Speaks of Rivers" (1944).
Fonte: Barbara Morgan. Disponível em: https://tinyurl.com/4khca9
Acesso em: 10.jun.2021.

Rufino (2016, p.57) chama a atenção que "o corpo é o primeiro lugar de ataque do racismo/colonialismo. Porém, esse mesmo corpo que é atacado nos revela outras possibilidades" e foi isso que Primus demonstrou com a sua luta contra preconceitos e hostilidades oriundos de uma sociedade que professava posições colonialistas. Portanto, deixou explícito prejulgamentos em relação ao corpo negro no universo da dança e propôs performances inovadoras. O seu corpo em coreografias solo impactava o público com o seu gestual forte e vibrante – era essa a intenção e o conseguia. A dança para Primus realmente foi uma arma social plena de significados que se nutria da força das origens.

A coreografia “The Negro Speaks of Rivers” (Negro Fala de Rios), de 1943 foi inspirada em um poema de Langston Hughes, com o mesmo título. Hughes (1902-1967) foi um escritor afronorteamericano nascido em Missouri. O poema tece comparações entre a ancestralidade do povo negro e quatro significativos rios para a história da humanidade. A seguir, alguns trechos do referido poema.

> [...] Minha alma cresceu profundamente como os rios.
>
> Conheci rios: conheci rios antigos como o mundo e mais antigos
> que o fluxo do sangue humano em veias humanas.
> Banhei-me no Eufrates quando as madrugadas eram jovens.
> Construí minha cabana perto do Congo e ele me embalava para dormir
> Olhei para o Nilo e ergui as pirâmides acima dele.
> Escutei o canto do Mississippi quando Abe Lincoln
> foi a Nova Orleans, e vi seu seio enlodaçado tornar-se
> dourado ao pôr do sol.

É um poema escrito em 1920 e no momento em que foi escrito o vocábulo “negro” não era considerado ofensivo, como o é atualmente nos Estados Unidos. O poeta ressalta que africanos estiveram presentes e participando de momentos importantes da humanidade, pois os rios são símbolos de trajetórias da gente africana, tão antiga como a própria existência. Também se refere à famosa viagem de Abraham (Abe) Lincoln pelo Rio Mississippi, quando viu de perto os males da escravidão. Ericagreil (2011, p. 2), ressalta:

> O simbolismo em “The Negro Speaks of Rivers” utiliza a imagem de rios para representar a alma dos afro-americanos ao longo da história. Ademais, o contraste de luz e escuridão relacionado com o “lamacento” Mississippi e outros rios “escuros”, juntamente com o nascer e o pôr do sol. O contraste de luz e escuridão refletem o conflito de raça na história.

A partir deste poema, que apresenta um passado de glória do povo africano por ter erguido civilizações em contraste com a vida de pessoas afronorteamericanas em total pobreza ao longo do Mississippi, Pearl Primus criou uma coreografia cuja performance corporal denunciou essa triste realidade. Dessa forma, resgata origens africanas adentrando-se a uma realidade que não é construída somente pelo presente, mas que está imbricada em um passado que traz o sentido ao presente. Nota-se, além disso, a sua preocupação com a epistemologia

coreográfica em estabelecer interconexões entre diferentes modalidades de conhecimentos plasmada em tocantes movimentos performáticos.



Figura 4. Primus em “Hard Time Blues” (1943). Fonte: Carl Van Vechten *In*: The New York Public Library. Disponível em: https://tinyurl.com/kwfu5wem - Acesso em: 19.jul.2021.

A coreografia “Hard Time Blues” (Tempos Difíceis”) de 1945, foi motivada por sua própria vivência como observadora participante, na condição de imigrante em comunidades afronorteamericanas em estados do Sul, mencionado anteriormente, e também inspirada pela canção “Hard Time Blues” (1941), escrita pelo músico afronorteamericano Josh White (1915-1969), nascido em Carolina do Sul. Uma canção que fala de tempos muito difíceis para os negros estadunidenses referente ao período conhecido como a Grande Depressão e cuja primeira estrofe citamos a seguir:

Fui para casa há um ano.
As coisas estavam tão más, Senhor,
que o meu coração ficou dolorido.
As pessoas não tinham nada,
era um pecado e uma vergonha.
Todos disseram que a culpa era dos tempos difíceis.

Como vemos, Primus se preocupou muito com a situação de vida dos afronorteamericanos que viviam em extrema pobreza e, por isso a sua dança era um protesto contra o sistema que rouba das pessoas o fruto do seu labor, como ela mesma chegou a dizer. Nesta obra realizou saltos atléticos que surpreenderam o público. Primus advertia que era importante observar a "forma que o corpo toma no ar". Explicou que os saltos nem sempre simbolizavam a alegria. Neste caso, seus poderosos saltos retratavam o desafio, o desespero e a raiva dos trabalhadores que viviam em péssimas condições, ao longo do Rio Mississippi.

Outra criação de grande impacto social e bastante conhecida denomina-se “Strange Fruit” (Fruto Estranho), referência à brutalidade de corpos linchados, queimados e pendurados nas árvores do sul dos Estados Unidos. Enfoca uma mulher branca reagindo horrorizada ao linchamento que havia presenciado na condição de participante da multidão, que assistia a terrível crueldade contra um ser humano. Um forte sentimento de arrependimento a invade e sente-se mortificada, aflita, atormentada. Esta coreografia foi inspirada no poema “Strange Fruit” escrito pelo professor e poeta norte-americano Abel Meeropol (1903-1986). São versos pungentes e contundentes em protesto ao linchamento de dois homens negros. O citado poema também foi transformado em música e cuja primeira interpretação foi da famosa cantora Billie Holiday. Este poema pode ser lido, na íntegra, em Meeropol (2021, p.1) e que aqui registramos a primeira estrofe:

Árvores do Sul dão frutas estranhas
Sangue nas folhas e sangue na raiz
Corpos negros balançando na brisa do Sul
Frutos estranhos pendurados nos choupos.

Considera-se que nenhuma obra foi tão radical como esta no momento em que foi exibida, ultrapassando os limites do que era considerada dança de vínculo

africano. Inicialmente a citada coreografia era acompanhada pela poesia lida por atores, até o dia que Primus a realizou em silêncio e o impacto foi muito maior, segundo Schwartz (2011). Outro dado relevante é que Primus interpretava o papel da mulher branca e que, naquele momento, este aspecto também chamou muito a atenção por sua própria condição de dançarina negra.

A coreografia “Strange Fruit” coloca em cena uma mulher usando um vestido, com um lenço na cabeça e pés descalços. Uma performance em que o corpo viaja para cima e para baixo, na diagonal, com movimentos rápidos, também com caídas ao solo e cujos sons do corpo são ouvidos pelo público. Observa-se luta, repetição, contrações, mãos sobre a cabeça nos dizendo angústia e tantos outros gestuais performáticos mostrando uma pessoa em conflito. Uma versão desta coreografia foi exibida em YouTube (PRIMUS, 2020).



Figura 5. “Transitions of Pearl Primus”, cena de “Strange Fruit” Reinterpretação coreográfica por Kim Bears, 2013. Disponível em: https://tinyurl.com/af7c645r - Acesso em: 15.jul.2021.

Na Figura 5, se observa uma das cenas da citada coreografia que originalmente é realizada por uma só bailarina e nesta reinterpretação é performatizada por seis intérpretes. Ao executar os mesmos gestuais e ao mesmo tempo intensifica a força coreográfica.

“Strange Fruit” foi uma coreografia que obteve o reconhecimento da crítica e foi apresentada em teatros de grande renome. Uma obra que obrigou o público a

enfrentar o racismo de uma forma visceral e profunda e, ao mesmo tempo, enfrentar-se a si mesmo. Igualmente demonstrou a capacidade criativa de uma bailarina-coreógrafa negra e que lhe conferiu o reconhecimento como uma das figuras mais relevantes da dança afronorteamericana.



Figura 6. Pearl Primus performatizando "Fanga Dance", em sua madurez. Fonte: TV Broadcast - Pearl Primus: Omowale. Disponível em: https://tinyurl.com/mjpuuzrp Acesso em: 20.jun.2021.

Outra contribuição de Primus refere-se à divulgação de ritmos africanos tradicionais que permaneceram até hoje, dinamicamente reconfigurados, como o exemplo da dança "Fanga", originária da Libéria ou Serra Leoa (figura 6). Uma dança em forma de invocação à terra e ao céu. A primeira versão, nos Estados Unidos, foi desempenhada por Asadata Dafora em 1943. Depois retomada por Primus em 1959,juntamente com a Companhia Nacional de Dança da Libéria.

Finalizando

As experiências de Primus como estudante de dança no "New Dance Group" foram definidoras de sua carreira. Era um grupo inovador que militava contra a pobreza, a fome, o racismo, as injustiças e, neste contexto, concebia a dança como

uma arma visível para as lutas da classe trabalhadora. Consequentemente, neste espaço foram forjados os caminhos de uma jovem mulher negra que se tornou politicamente consciente. Sua vida passou a ser dedicada à criação, à performance e ao ensino de temáticas afrorreferenciadas, e sempre demostrando a importância da interculturalidade que promove o encontro, amplia e redimensiona conhecimentos.

Conseguiu explorar plenamente os recursos disponíveis no treinamento formal da dança ao estudar com grandes artistas contemporâneos. Desenvolveu um grande interesse quanto às conexões culturais entre a dança e as vidas de descendentes de escravos africanos, bem como a importância de conhecimentos vividos nos corpos dos sujeitos, que a dança tem a capacidade de explicitá-los.



Figura 7. Pearl Primus na maturidade. *In:* Justine Durrel. Fonte: Steve Long. Disponível em: https://tinyurl.com/6vbkar54 – Acesso em: 9.jul.2021.

Criou coreografias dramático-estéticas performatizando sofrimentos, emoções, denunciando preconceitos e discriminações, a partir do centro de seu interesse, ou melhor, o estudo e a interpretação da influência afro-originária no âmbito das expressões culturais caribenha e norte-americana - um exemplo de interconexão entre saberes. O seu lastro antropológico lhe possibilitou um tratamento aprofundado das temáticas dimensionadas, e objetivando sempre a integração entre conhecimentos, que se expressaram em criações estético-dramáticas na dança.

Gerações atuais continuam executando suas obras e isso prova a força de seu legado que interconectou passado e presente, e ainda continua nos dizendo a força de suas criações inovadoras. Por intermédio do ativismo político, Primus rompe invisibilidades e prenoções sobre os saberes evidenciando que a dança de raiz africana é tão válida como qualquer outra expressão no âmbito da arte. Também deixou patente a forte presença do corpo negro na dança, em um momento em que críticos consideravam um tipo de corpo não apto para a dança. Neste sentido retomamos Rufino (2016) quando aponta que é mediante os saberes vividos no corpo "que se confrontam e se rasuram nesses regimes" (p. 57), e foi isso que Primus fez com maestria em suas configurações coreográficas.

Perante o exposto, a bailarina-coreógrafa Primus demonstra, com muita força, que estéticas africanas e afro derivadas, consideradas rudimentares e primitivas, eram advindas de preconcepções sobre os conhecimentos dos povos africanos. Por conseguinte, o seu percurso foi de constante luta denunciando prejulgamentos e exclusões que se transformam em injustiças. Em vista disso, o seu legado nos faz perceber uma grande lição: na arte da dança não existem fronteiras, barreiras e, tampouco, impossibilidades.

Por último, há vários aspectos que carecem ser aprofundados e que este artigo não logrou dar conta, como por exemplo, as múltiplas influências africanas em sua obra e as estéticas que daí são reelaboradas. Outro tópico se refere à corporalidade, que requer melhor análise, considerando que Primus traz este tema com robustez, e isso suscita múltiplas considerações. Igualmente estudos sobre as reinterpretações contemporâneas de sua obra, que ampliam e atestam o seu legado.

Referências:

CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *Ethos,* American Anthropological Association, Virginia, vol. 18, n.1, pp.5-47, 1990.

_____. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

DANIEL, Yvonne. O Poder do corpo dançante na performance afrodescendente. *Rebento*, São Paulo, n. 6, p. 17-50, maio 2017.

DOKOSI, Michael Eli. From backstage to choreographer, U.S audience got enthralled by Pearl Eileen Primus' African and Caribbean dance. *In: Face2face Africa,* Nova Iorque, 2020. Disponível em: https://tinyurl.com/48s4ej26 - Acesso em: 4.jul.2021.

DUNNING, Jennifer. Pearl Primus is dead at 74: a pioneer of modern dance. Nova Iorque, *The New York Times,* 1994. Disponível em: https://tinyurl.com/243n56nk.Acessp. Acesso em: 10. maio.2021.

ELLIS, Erin. Pearl Primus: Omowale "The child returned home". *In: Sutori,* Philadelphia, [s/d]. Disponível em: https://tinyurl.com/fkcr4jr4 - Acesso em: 6. maio. 2021

ERICAGREIL. Langston Hughes: "The Negro Speaks of Rivers". In: *BLOG@BBF,* North Lawndale, 2011. Disponível em: https://tinyurl.com/2h6p8fmy - Acesso em: 25. maio. 2021.

ESTELLER, Sara. El legado de Pearl Primus. *In: El Hype*, Valencia (Es), 2019. Disponível em: https://tinyurl.com/nywyfz9p - Acesso em: 2.jun.2021.

GERE, David. Dances of Sorrow, Dances of Hope: The work of Pearl Primus finds a natural place in a special program of historic modern dances for women. Primus' 1943 work 'Strange Fruit' leaped over the boundaries of what was then considered 'black dance'. Los Angeles, *Los Angeles Times,* 24. abr.1994. Disponível em: https://tinyurl.com/2esjbbhf - Acesso em: 3 mar.2021.

GÓMEZ, Luis. Un espacio para la investigación documental. *Rev Vang. Psicol.,* Bogotá, vol.1, n.2, oct-mar, p. 226 – 233, 2011.

JACKSON, Michael. Knowledge of the Body. *Man,* Londres, vol. 18, n. 2, p. 327-345, 1983.

LLOYD, Margaret. *The borzoi book of modern dance*. 2ª ed. New York: Dance Horizon, 1974.

MCPHERSON, Elizabeth. Dance History: Pearl Primus. Nova Iorque, *DanceTeacher,* 2009. Disponível em: https://dance-teacher.com/pearl-primus/. Acesso em: 26. maio. 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEEROPOL, Abel. Strange Fruit. *In: Genius.* [S.*l*], 2021. Disponível em: https://genius.com/Billie-holiday-strange-fruit-lyrics - Acesso em: 25.set.2021.

NIETZSCHE, Friedrich*. Así hablaba Zaratustra*. 29ª ed. Madrid: Edaf, 2005.

OLIVEIRA, Victor Hugo N. de; LAURENTINO, Thiago. "O que é que a dança tem a ver com isso?": considerações sobre perspectivas descentralizadoras antirracistas em dança. *Rev Arte da Cena,* Goiânia, v. 6, n. 2, ago-dez, 2020.

PRIMUS, Pearl. *Strange Fruit by Pearl Primus*. Performance de WATSON, Dawn Marie. YouTube, [S.*l*], 2020. 1 vídeo (3.47min). Disponível em: https://tinyurl.com/5xyp7crz - Acesso em: 2. mar. 2021.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. *Antropolítica,* Niterói, n.40, 1 sem, 2016.

SCHWARTZ, Peggy; SCHWARTZ, Murray. *The dance claimed me*: a biography of Pearl Primus. New Haven/London: Yale University Press, 2011.

SHAPIRO, Sherry Badger. Dance as activism: the power to envision, move and change*. Dance Res Aot*, Auckland, Nova Zelândia, n.4, 2016.

SANTOS, Inaicyra F. dos. Corpo e Ancestralidade: Tradição e Criação nas Artes Cênicas*. Rebento,* São Paulo, n. 6, p. 99-113, maio 2017.

TYSON, Danielle. Pionner to Black Voices: Pearl Primus and Strange Fruit. Exhibits in the Library – *UNC Cnarlotte*. Charlotte, North Carolina, [s/d]. Disponível em: https://exhibits.uncc.edu/s/libraryexhibits/item/3685. Acesso em: 10 abr.2021.